



*“Rico o que compreendeu.  
Feliz o que escudou.”*

Havamal, st. 164

A cerca de sete quilómetros de Vila Real, em Vale de Nogueiras, tomando o acesso pela EN 322 que vai para Sabrosa, eleva-se um complexo de fragas graníticas que há mais ou menos dois mil anos eram lugar de celebração ao Deus Serápis. Só podemos ver hoje o que restam das fragas que sobreviveram ilesas às detonações dos pedreiros que vinham no início do século vinte aqui rebentar os gigantescos rochedos para as casas solarengas da burguesia da cidade. Antes disso, muitos dos vestígios do templo já haviam sido pilhados pelos camponeses e párocos das aldeias vizinhas para usarem nos muros de meação e na construção das igrejas. Pilares, estátuas, lápides, tudo foi vilipendiado e extorquido pela ignorância do povo e da burguesia, numa tradição de pilhagem cultural que podemos encontrar na mesma região, um pouco mais acima no Monte do Açor, o Monte dos Mortos. Grande parte das suas florestas foram esvaziadas das centenas de antas e dólmenes que por lá se recortavam, cujas pedras se podem ver ainda hoje entalhadas nas paredes dos casebres e dos muros. Mas o que temos diante de nós em Panóias é, no entanto, suficientemente eloquente e grandioso para imaginarmos como seria todo o complexo religioso com os rochedos restantes, à luz prateada do inverno e sob o recorte fantasmagórico das neblinas, como muitas vezes encontrei este lugar santo nas inúmeras vezes a que lá me desloquei.

## **OS LAPITEAS, O POVO DA SERPENTE**

O recinto misterioso que hoje temos oportunidade de ver em Panóias terá sido construído provavelmente no séc. II e inícios de séc. III por ordem do senador Calpurnius Rufinus, alto funcionário do governo provincial romano. Dele só restam três grandes fragas sulcadas de



vestígios rituais e iniciáticos. No entanto, as suas origens eram mais antigas, tendo sido provavelmente erigido e usado desde a Proto-História pelos Lapiteas<sup>53</sup>, o seu povo autóctone. Teriam sido eles os primeiros a escavar a rocha granítica com os tanques e as pequenas covas ligadas entre si por sulcos, conhecidos dos arqueólogos pela expressão *cup and rings*, pelos quais escorreriam o sangue dos seus animais imolados. Ainda podemos ver hoje esses testemunhos do seu culto arcaico num seu altar lítico a nascente!

A referência ao povo proto-histórico dos Lapiteas aparece apenas na epígrafe dedicada a “um lago eterno com um templo”, que é dedicado a “todos os Númens, incluindo os dos Lapiteas”. Nada sabemos mais deste povo, apenas que pela sua situação geográfica se encontrava encravado entre os Lusitanos e os Calaicos, embora eles tenham pertencido a estes últimos<sup>54</sup>. O historiador João Parente, director do Museu Arqueológico de Vila Real, dedicou uma boa parte da sua vida ao estudo deste povo baseado numa prospecção arqueológica cuidada e numa leitura histórica dos lugares que teriam feito parte da sua gentilidade. Ele concluiu que o seu centro político deveria ter sido o Castro de S. Bento, concluindo depois, também, que este povo teria sido o conservador por excelência de um poderoso culto ofiolátrico que se estenderia de forma maciça por toda esta região Vila Realense<sup>55</sup>.

De boa mente se poderia definir este povo pelo Povo da Serpente e os genuínos herdeiros dos Saefos que no séc. VI AEC invadiram a Península Ibérica e derrotaram o povo autóctone das suas margens mais ocidentais, os Estramínios, como Avieno assegura na sua *Orla Maríti-*

---

<sup>53</sup> Existe curiosamente um povo proto-histórico helénico, os Lapiteas, de que Ixion, o Caim grego, tinha sido o Rei Ancestral, antes de ter sido sacrificado por Zeus na Roda e a girar como *Axis Mundi* no Setentrião. Não sei se a designação deste povo autóctone lhe tenha sido atribuída pelos romanos em lembrança desse herói proscrito associado ao culto do visco-branco. Quem tiver olhos prudentes poderá, pelo Inverno, nos pinhais e bosques das cercanias de Panóias, ainda hoje descobrir o visco-branco tal como eu o encontrei.

<sup>54</sup> Colmenero, A. R. (1999). *Deorum Tēmenh. O Santuário Rupestre Galaico-Romano de Panóias. Novas chegadas para a sua reinterpretação global*. Vigo: edição de autor.

<sup>55</sup> Parente, João. (2003). *O Castro de S. Bento e o seu Ambiente Arqueológico*. Vila Real: Edição de Autor.

